



Stadium

N.º 70 ★ 5 DE ABRIL DE 1944

A nota de sensação no jogo Lisboa-Évora foi dada pela passagem de GREGÓRIO, habitual médio-centro, para o posto de interior-esquerdo — do qual rematou 4 «goals» de certeza, e talvez um 5.º, que se lhe atribui. Ei-lo satisfeito — e indiferente à dúvida...

(Foto Nunes d'Almeida)

O dr. SALAZAR CARREIRA

depõe no inquérito da «Stadium» numa auto-entrevista flagrante de desassombro e de incondicional aplauso a tão útil iniciativa

A CHEL-ME, numa destas manhãs, a conversar comigo próprio: «Também me interessava, afinal, dar opinião sobre essas questões de educação física que a Campanha da «Mocidade» põs em plano de actualidade» — dizia eu ao meu outro eu-jornalista, que se mostrava um tanto surpreendido.

«Vais pegar na caneta, ouvir o que te disser e arquivar no inquérito da «Stadium» o meu modesto depoimento.»

O assunto ficou logo resolvido, porque não gosto de discussões íntimas: sentei-me em frente de mim próprio — que é como quem diz, olhei para um espelho... — e a «entrevista» começou.

— Queres falar à vontade, ou preferes que que te interroge?

— Eu poupo-te trabalho. Ouve com atenção e escreve com cuidado.

«A educação física da juventude, apesar do muito que tem adiantado em Portugal, ainda não chegou onde os interesses nacionais exigem. Por duas razões, a meu ver: disparidade na expansão da prática e disparidade no sistema de ensino. Cada uma destas razões, por sua vez, se subdivide em mais duas.

— Mas que grande confusão!...

— Não há nada mais claro! Não me interrompas, para não quebrar o fio à meada, e verás no fim porque motivo considero de enorme projecção esta Campanha da «Mocidade Portuguesa». O indispensável, porém, é que os problemas sejam clara e desassombadamente postos. Ora tu bem sabes que não tenho «papas na língua»...

— Fale então, sr. doutor; o jornalista é todo ouvidos.

— A disparidade na expansão da prática da educação física é a consequência inevitável da falta de recursos e da falta de professores. Em Lisboa, e nas principais cidades do País, a existência de instalações suficientes e de professores diplomados garante que seja ministrada a gymnástica de maneira satisfatória, tanto em qualidade como em quantidade. Mas se investigarmos pelo vastíssimo território da província, o que praticamente encontramos é, como afirmou o Comissário Nacional, quasi zero.

«Or» para alcançar um começo de valor positivo é necessário agir no duplo sentido das carências originárias: por um lado, conseguir professores ou, pelo menos, instrutores espalhados por toda a parte; por outro lado, despertar por toda a parte o interesse local, para que surjam as instalações indispensáveis e a vontade de organização que abrid caminho às iniciativas centrais. É neste sentido que considero utilíssimo, capaz dos mais surpreendentes resultados, a Campanha lançada pela «Mocidade Portuguesa».

— Como queres que a Campanha consiga realizar em dois meses o que não se obteve em anos seguidos de esforços?

— Muito simplesmente: porque foram esses anos consecutivos de esforços que geraram o ambiente propício à aplicação da Campanha. Há cinco ou dez anos atrás, a Campanha fracassava por incompreensão; agora, porém, existe uma base de impulsão, que é a obra levantada sobre os frágeis alicerces das precedentes tentativas isoladas, pela persistente insistência global da «Mocidade Portuguesa». Criticada, incompleta sob determinados aspectos, hesitante, alguns sentidos, pela falta de meios próprios — mas ainda assim eficientíssima, porque criou no espírito da nossa juventude uma mística e um entusiasmo preciosos! A voz da «Mocidade Portuguesa», ecoando através das muitas manifestações públicas da Campanha, será a voz imperiosa da juventude a clamar os seus direitos e os seus propósitos, para os satisfazer!

— Parece-me que estás a deixar-te arrastar além da lógica pelo teu ardor idealista. Pois se reconheces que não há elementos fundamentais para generalizar a expansão no País, como queres agora que eles surjam por encanto, só por contágio de entusiasmos?

— Não há elementos, mas não faltam meios ou processos de os arranjar. A Campanha irá estimular capacidades adormecidas e, por seu intermédio, nada admira que se desenvolva por toda a parte, por exemplo, a vontade da criação de ginásios e parques de jogos. Não é exagero afirmar que esta é uma das primeiras obrigações de todas as Câmaras Municipais. Por outro lado, também, talvez a insistência e variedade de argumentação da Campanha consiga o milagre — não acho outra palavra designativa — de converter à aceitação da educação física tanta gente com cabeça pensante e posições de responsabilidade educativa, que continua ainda acorrentada a preceitos bobos e a qual o exercício físico aparece como o inimigo número um do seu cómodo burocratismo e dos seus preconceitos sedícios.

— Tens a veleidade de supor que esses indivíduos são convertíveis?

— Tenho mais, tenho a convicção firme, porque a muitos os julgo bem intencionados, mas com critério errado, e aos que assim não sejam modificar-lhes-á a atitude a força dos próprios interesses.

«A «Mocidade Portuguesa», apregoando durante dois meses o que tem feito e o que queira mais fazer, é como o navegante que tira o ponto para garantir a exactidão do rumo: mostra o que já realizou em condições difíceis, prova os resultados dos seus métodos educativos e reúne elementos para seguir avante com maior segurança. Tocamos agora, com esta afirmativa, na segunda das causas-travões que citei no começo da nossa conversa: a disparidade no sistema de ensino...

«Desde a Fundação do Instituto Nacional de Educação Física ficou implicitamente estabelecida em Portugal uma doutrina relativa ao método de gymnástica aplicável no País: é aquêle pelo qual são formados todos os futuros professores e que, como é lógico, foi indicado à «Mocidade Portuguesa» no regulamento do diploma oficial que a instituiu. É este o método que todos os rapazes filiados recebem nas lições ministradas por intermédio da «Mocidade». Mas como acontece, por outro lado, que se encontram em exercício, nos estabelecimentos de

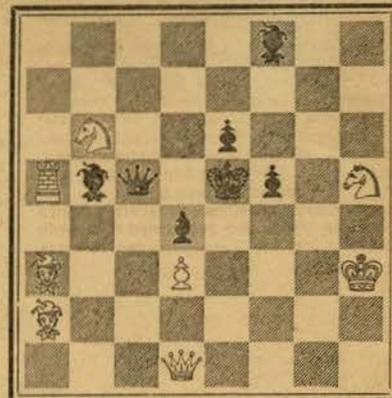
XADREZ

Direção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre
Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 13

J. G. SOARES DA GRAÇA

Inédito



COIMBRA

Mate em 3 lances

A actividade do xadrez desportivo

Resultados das primeiras sessões do IV campeonato Inter-clubes de Lisboa: Café Paladium, 2-Clube dos Caçadores, 2; Instituto Sup. Técnico, 2,5-Imprensa Nacional, 1,5; Benfica, 4-Hockey Club, 0; Costa do Sol, 4-Instituto Britânico, 0; Belenenses, 3-Barreiro, 1; Belenenses, 3-Hockey, 1; Técnico, 2,5-Benfica, 1,5; Britânico, 3-Paladium, 1; Caçadores, 2-Imprensa, 2. — No momento em que fechamos esta secção não concluiu ainda o III encontro entre a representação de Lisboa e do Porto. De salientar a vitória do jovem campeão português João Mário Ribeiro, sobre o campeão nacional, Carlos Araújo Pires. Na próxima semana faremos a este acontecimento a merecida referência.

ensino secundário, aos quais grande número desses filiados pertence, um certo número de professores cuja formação pedagógica assenta sobre outro método diferente, mais antigo mas ainda não revogado, verifica-se que os rapazes recebem instrução dupla e antagonica, conforme actuaem de filiados da «M. P.» ou de alunos do liceu!

— Isso é uma velha anomalia, para cuja solução o que tu pensas...

— Perdão, perdão... Eu não quero pensar nada sobre o assunto, porque nem importa o meu pensamento. Limite-me a apontar um facto que parece estranho e a manifestar o desejo de que a Campanha da «Mocidade», onde forçadamente se apregoarão os preceitos e os resultados do método que adoptou, possa servir para esclarecer os espiritos e permitir que se chegue em breve a uma conclusão, para o melhor lado, seja êle qual for. Somos poucos a trabalhar nos problemas da educação física — e todos movidos pelas melhores intenções, não duvido. Puxando uns tantos para cada lado, o resultado do esforço comum é seguramente afectado. Eis porque considero fundamental a unificação do método de ensino da gymnástica, o que não será complicado de obter com o estudo desapassionado e transigente das teorias fundamentais. Não pretendo que a Campanha possa, por qualquer forma, agitar, sequer, o problema — mas aponto-o pela importância de que se reveste no quadro da educação física e porque nada se perde se todos quantos tiverem de emitir parecer no diferendo pensarem na hipótese de uma solução, recolhendo para ela todos os elementos que a Campanha venha a fornecer.

— Falta só explicares agora porque relações, na tua idéa, a Campanha da «Mocidade» com o problema propriamente nacional da educação física, que foi afinal do que mais falaste.

— Porque, muito naturalmente, devemos encarar como decisiva, na orientação dos costumes e mentalidade das próximas gerações, a influência impressa pela acção da «Mocidade Portuguesa» nos seus filiados. É no barro, enquanto maleável, que se modelam os primores da estatúaria; também só nas almas e corpos juvenis se forjam os caracteres íntegros e os organismos robustos. Fica sabendo que o Portugal de amanhã será o que hoje prepara nos seus filiados a «Mocidade Portuguesa»!



O Leça conquista no seu novo campo o direito de continuar na I Divisão

O domingo passado foi de grande satisfação — em Leça de Palmeira, perto de Leixões. O Leça Futebol Clube, depois de um ano de amargura, dúvidas e conseiras, venceu, brilhantemente, uma etapa difícil, na sua existência de largos anos. Após a tempestade, veio a bonança... Depois de um campo perdido, um campo novo! Um dia de duplo triunfo, o de domingo! Mas contemos como foi.

Um período de quesílias e descertos dentro do Leça teve este efeito desastroso — a perda do campo de jogos. O Leça ficou sem ter onde jogar. O Leixões, clube vizinho, soube ser amigo, nesta emergência. E na adversidade que se conhecem as dedicações. O Leixões pôs o seu campo à disposição do Leça. O gesto leal do Leixões não encontrou, porém, eco em todos os clubes do campeonato português. O Porto e o Académico foram, ainda, a Leixões, quando lhes coube jogar no campo cedido amavelmente ao Leça. Mas os outros...

Talvez não valesse a pena formular a pergunta — e não merece certamente perda de tempo a análise das respostas. Anota-se, entretanto, que o Benfica interveio um pouco, perante a negatividade de um clube. E ficou, de positivo, a afirmação da solidariedade — e a oferta valiosa da sua cooperação em qualquer jogo a favor do Leça. O Leça teve de lutar quase sempre no campo dos adversários, durante meses seguidos. Foi longo o calvário. Desceu até ao último lugar, numa jornada de infelicidade. A sensação do perigo que corria de-lhe, todavia, forças para resistir. Formou-se, assim, a ideia de um campo novo.

O querer é, por vezes, poder. Criou-se ambiente de entusiasmo. Trabalhou-se com persistência. Surgiram dedicações entre a população leicense. O velho burgo arrabaldo despertou para a luta em prol do Leça. Formaram-se comissões, em diversas ruas. Pediu-se a colaboração de toda a gente. Ao fim de algum tempo, entrava o sonho — um sonho admirável — em período de realização. A recolha de dinheiro deu trabalho, mas a escolha de terreno para o campo também deu algum... Quando chegaram os desafios de passagem, entre o Leça e o Ramaldense, campeão da segunda Divisão, tocou tudo a rebater... O primeiro jogo fez acelerar os preparatórios. E o segundo desafio disputou-se em Leça! Entre dois domingos — quase não se deu pelo tempo...

Não assistimos ao jogo de domingo. Assistimos, porém, de surpresa, a alguns dos últimos preparativos do novo campo. Visitámo-lo na quinta-feira anterior. Pareceu-nos atrasado. Mas disseram-nos logo que não haveria dúvida, que tudo estaria pronto a tempo e horas... Se fôsse preciso, trabalhariam de noite, toda a noite, sem descanso.

E o certo é que o Leça pode defrontar o Ramaldense no seu novo campo, em Leça de Palmeira, ali perto de Leixões.

A segunda vitória contra o Ramaldense teve, assim, maior significado. O Leça ressurgiu como clube de primeiro plano.

Não foi de festa oficial, o domingo passado. A inauguração virá mais tarde, com um grupo de Lisboa, talvez com o Benfica. Mas a alegria andou alta — no coração de todos os directores e sócios do Leça. Vencera-se uma crise difícil — adquirindo novo campo e assegurando ao Leça a continuação do seu lugar na I Divisão da Associação de Futebol do Porto.

O Leça e a sua obra

O novo campo do Leça fica situado na avenida General Oscar Carmona.

O rectângulo de futebol tem 110 metros de comprimento por 71 de largura. Foi construído em terreno plano, mesmo ao lado do campo antigo. A poente devem ser construídas bancadas e uma série de camarotes. Também dêste lado ficam as instalações para balneários — um para cada equipa, com uma «cabina» para o árbitro, e um posto de socorros, devidamente montado. O péo terá várias zonas ao longo do campo — um terá 5 metros de largura, dois terão 8 me-

A regata Clube Naval-Associação

é vista com entusiasmo pelas duas agremiações

A pergunta que fizemos há poucas semanas sobre a repetição da regata de remo entre a Associação Naval e o Clube Naval de Lisboa, encontrou em ambas as colectividades o melhor acolhimento e pronta resposta.

O remo, que o encaremos sob o ponto de vista de competição, ou de simples exercício físico, exige grande propaganda e é preciso que entre nos hábitos da juventude portuguesa. É para o mar que devem encaminhar-se os gostos dos jovens, com a certeza de que não só o corpo, como o espírito, se fortalecerão.

Apoiar e acarinhar uma regata Clube Naval-Associação — é dever de quem sinceramente pugna pelo desporto e pelas suas indiscutíveis vantagens.

Uma corrida entre os dois prestigiosos clubes náuticos poderia transformar-se num motivo de grande interesse anual, — uma espécie, salvo as devidas proporções, da regata, mundialmente discutida, entre as universidades de Oxford e Cambridge.

A necessidade de manter as tripulações sempre em «forma» e de possuir atletas com os requisitos indispensáveis para o remo de competição, levaria os clubes a trabalharem mais em profundidade, o que se não faz, agora porque, desoladoramente, só existem os campeonatos regionais e nacionais. Nem sequer, ao menos, uns torneios particulares, inter-clubes. Tudo isto, porém, são ideias que requerem mais ampla discussão. Por agora, interessa-nos recolher as opiniões da Associação e do Clube Naval, sobre o reatamento de regatas periódicas.

O nosso amigo sr. José Martinho Gonçalves, presidente do Conselho Director do Clube Naval de Lisboa, é pre-emptorio na sua declaração:

— Aceito, com muita simpatia, a ideia da realização de uma prova de remo entre a Associação e o Clube, não só por serem dois velhos pioneiros deste desporto, como por terem

tros e o mais largo ficará com 25 metros. A capacidade total do campo deve ser superior à lotação do campo do Leixões Sport Clube, calculada em 17 mil pessoas.

No lado sul do rectângulo de futebol será construído terreno para «basket-ball».

Além de um campo de jogos com instalações apropriadas para alguns dos desportos praticados no Leça, dispõe este clube de uma sede bem situada e regularmente montada.

O Leça não tem limitado a sua acção ao futebol. O quadro geral de directores de secção é o seguinte: director de campo, Henrique Rocha; futebol, capitão geral, Armando Ferreira Neto; treinador obsequioso, Juan Martine, antigo jogador profissional do Sevilla e ex-treinador do Marítimo, do Funchal; «basket», Joaquim Augusto Martins; atletismo, engenheiro Araujo Vieira; natação, Henrique Pereira. Tem também secção de «bandball».

A direcção que levou a efeito a construção do novo campo tem a seguinte constituição: presidente, dr. Alberto Lauro Moreira; vice-presidente, João de Faria Nunes; secretário geral, António Duarte Pedroso; secretário adjunto, tenente Guilherme Silveira; tesoureiro, Francisco Pereira Americano; vogais, Joaquim Augusto Martins e Horácio Manuel.

população associativa regular, que convem estimular e interessar.

— A regata compreenderia todo o tipo de barcos?

— Isso depende da troca de impressões entre os dois clubes. Também se terá de atender às classificações dos remadores. Afigura-se-me conveniente evitar que remadores muito batidos defrontem outros mais jovens e menos experientes. Desporto leal. Tempo suficiente para preparação. Tudo em muito boa amizade!

O presidente do C. N. L. expõe, a seguir, considerações curiosas:

— Os dois clubes necessitam provar que trabalham e continuam a contar só consigo. É preciso propagandear os resultados do desenvolvimento físico produzido pelo remo. É necessário, também, que os novos tenham nitida compreensão de que é indispensável haver gosto, paciência e espírito de sacrifício, para se atingir a desejada finalidade. Dar tempo ao tempo, para se ser um bom remador. Portanto, o Clube Naval vê com a maior satisfação a ideia de se voltar a lutar com a prestigiosa «velhinha».

António Jerónimo Faria, antigo remador do C. N. L., tem hoje na Associação Naval um papel preponderante, como membro do Conselho Técnico. A secção de remo está-lhe confiada, e muito bem, porque Faria é um dedicado. Quando o abordámos, Faria sorriu e, sem dar tempo a perguntas, exclamou:

— Já sei que pretendo saber a minha opinião sobre o encontro Clube Naval-Associação, em remo. Como deve calcular, quasi que não seria preciso dizer-lhe nada. Para o progresso do remo, quantas mais competições melhor — e melhor do que ninguém o C. N. L. e a A. N. L. podem servir a propaganda que convém fazer. Vamos para a frente com o «match»! Claro que há pormenores a ajustar, como, por exemplo, os tipos de barcos e as categorias de remadores. Tudo se harmonizará, porém...

— A Associação vai comemorar este mês mais um aniversário...

Faria atalha: — Vai. E do seu programa constam provas de remo com o Clube. Pode muito bem ser um primeiro passo, para verificação das possibilidades dos dois clubes em apresentarem deter-



J. Martinho Gonçalves



António Jerónimo Faria depois de vitória dos nacionais de 1942

minadas tripulações. Repito: da parte da A. N. L. há o maximo empenho em realizar anualmente uma regata com o Clube Naval.

Posta assim a questão, com interesse comum dos dois clubes náuticos, voltamos a perguntar: quando veremos o III Associação-Clube Naval, em remo?

Podia, perfeitamente, ser ainda esta época...

A propósito de um aniversário

OS 30 ANOS DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL

Da sede no escritório de um director
à fundação do Centro de Medicina Desportiva



UM comunicado publicado na imprensa, com assinatura do sr. Raúl Nunes, na qualidade de secretário da União Portuguesa de Futebol, dava, em 12 de Janeiro de 1914, como existindo já o organismo que depois mudou o título para Federação Portuguesa de Futebol. O antigo dirigente do futebol lisboeta e português, que também cultivou o jornalismo desportivo, tinha categoria bastante para poder afirmar que a União se encontrava fundada. Mas teve até o cuidado de indicar a constituição da respectiva direcção: presidente, dr. António Joaquim de Sá e Oliveira; vice-presidente, António Serzedelo Diniz; e secretário-tesoureiro, Raúl Nunes. A data oficialmente tomada como sendo a da fundação da U. P. F. é a de 31 de Março de 1914. A Federação Portuguesa de Futebol está, pois, de parabéns, pela passagem de mais um aniversário.

Vão decorridos 30 anos. Neste período de tempo, que não é muito pequeno, mas que não é tão amplo como o da extinta União Velocipédica, é largo o caminho percorrido. Em 1914 teve a União que se instalou no escritório de um dos directores, na Rua dos Retrosseiros, n.º 149, primeiro andar. António Ribeiro dos Reis, nosso prezado colega, informa na «História do Futebol», de que é um dos autores, corresponder ao escritório do dr. Sá e Oliveira — e que nós supunhamos ser o escritório da empresa editora onde Raúl Nunes estava collocado. Trata-se, todavia, de um pormenor que não altera as características da primeira sede da União. Em 1944, excelentemente instalada na sede da rua da Emenda, levou a sua expansão às instalações do Centro de Medicina Desportiva.

O dia 31 de Março corresponde ao da assembleia geral em que foram aprovados os primeiros estatutos da União Portuguesa de Futebol. É esta a data que figura no primeiro relatório da U. P. F., como sendo a da fundação. Temos, portanto, de aceitar como tal. Segundo os estatutos, a União seria regida por um conselho geral, constituído por delegados das associações e das ligas ou núcleos filiados, e teria uma di-

recção composta por cinco membros — presidente, vice-presidente, secretário-tesoureiro e dois vogais. As associações regionais dirigiam o futebol dentro de cada distrito e, por ligas ou núcleos, compreendiam-se os agrupamentos de clubes de uma ou mais localidades de distrito onde não houvesse associações regionais, para seleccionarem entre si o grupo que devesse tomar parte no campeonato de Portugal com a representação desse distrito. À data da fundação existiam apenas, salvo erro, as associações de Lisboa e Porto. A quota de filiação era de 2500 por cada delegado da respectiva associação regional.

Entre os objectivos da U. P. F. figurava o da representação de Portugal na «Fédération Internationale de Foot-ball Association». Ribeiro dos Reis esclarece, porém, na citada «História do Futebol», que a filiação vem de 1909, tendo sido pedida e obtida pela Liga Portuguesa de Futebol, a título provisório, em 16 de Novembro daquele ano, e definitivamente em 15 de Maio de 1910. A L. P. F. dissolveu-se neste ano de 1910, para tornar possível a fundação da Associação de Futebol de Lisboa, perdendo-se por isso a filiação internacional. A nova filiação foi já obtida pela U. P. F., provisoriamente, em 26 de Agosto de 1914; como definitiva, a partir de 1915.

Os primeiros trabalhos oficiais da União relacionaram-se com a efectivação do primeiro encontro Porto-Lisboa, disputado no antigo campo das Laranjeiras, propriedade do Internacional, em 26 de Abril de 1914, e no qual se verificou a vitória da selecção da capital por 7-0. Após este balanço inicial, entrou a União em período de apenas justificar a sua existência com a filiação de Portugal na F. I. F. A. e para a realização de jogos de clubes portugueses com equipas estrangeiras. O primeiro campeonato de Portugal só foi possível em 1922 e teve apenas a participação de Lisboa e Porto, representados, respectivamente, pelo Sporting e pelo Futebol Clube do Porto. Na primeira «meia», triunfou o F. C. Porto por 2-1; na segunda, a vitória coube ao S. C. Portugal, em Lisboa, por 2-0. No desempate voltou a vencer o Porto, na Invicta, por 3-1.

Data de 1925 o primeiro relatório de gerência. Era impresso... a duplicador. A direcção estava então composta por Luis Peixoto Guimarães (Porto), presidente; dr. António Morais da Cunha Vas (Coimbra), vice-presidente; Raúl Nunes (Lisboa), secretário-tesoureiro; dr. Marcelo Barbosa (Braga) e Pedro Del Negro (Lisboa) vogais. Havia unicamente 12 associações filiadas: Lisboa, Porto, Funchal, Braga, Algarve, Coimbra, Luanda, Angra do Heroísmo, Portalegre, Tomar, Moçambique e Viana do Castelo.

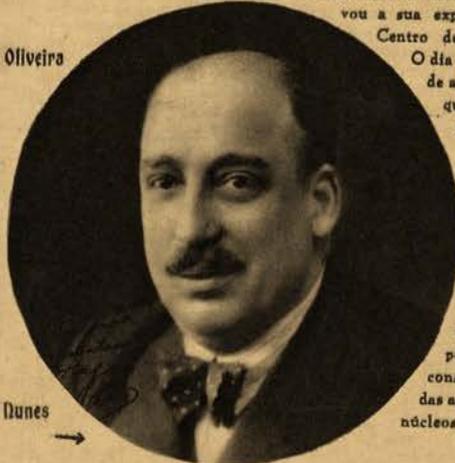
O primeiro jogo internacional, disputado contra a Espanha, efectuou-se em Madrid, no dia 17 de Dezembro de 1921. Foi a primeira vitória espanhola, por 3-1. A selecção portuguesa teve a seguinte constituição — que sabe bem recordar: Carlos Guimarães; António Pinho e Jorge Vieira; João Francisco, Victor Gonçalves e Cândido de Oliveira; José Maria Gralha, António Lopes, António Ribeiro dos Reis, Artur Augusto e Alberto Augusto.

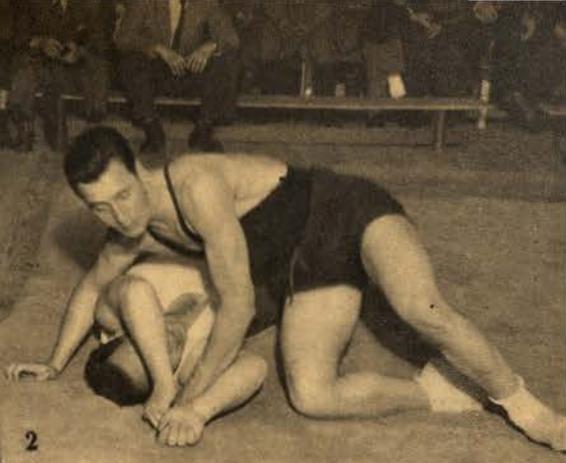
Há trinta anos que se fundou a União. Como o tempo corre...

Dr. Sá e Oliveira



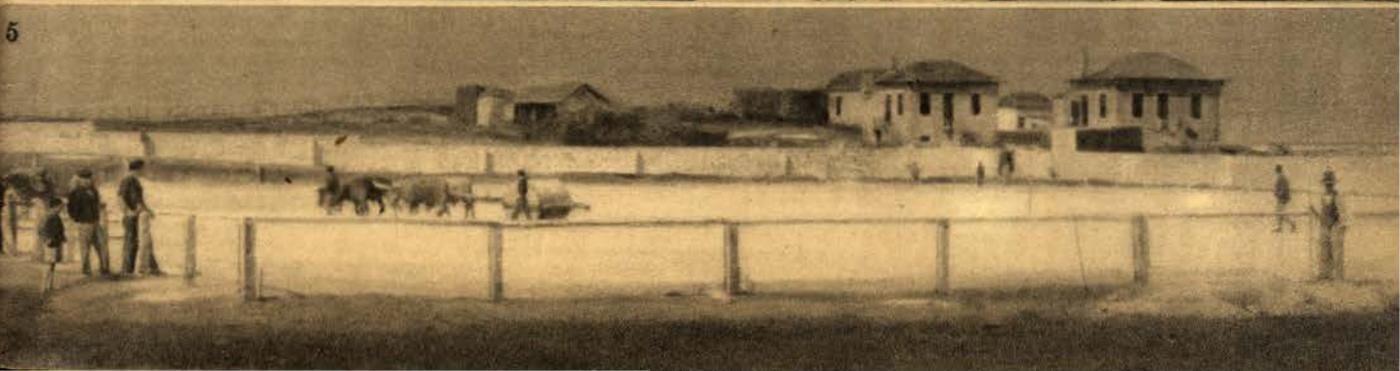
Raúl Nunes





ACONTECIMENTOS DA SEMANA

NO ATENEU COMERCIAL — Aspectos do torneio de luta e da homenagem prestada ao olimpíco António Pereira: 1 — Os lutadores com o homenageado; 2 — Aspecto do combate entre Armando Pereira e Jaime Carriço Martins, que o primeiro ganhou; 3 — Alvaro Ferreira dos Santos levanta 90 quilos, enquanto António Pereira segue o exercício, talvez evocando velhos tempos...
OS CAMPEÕES NACIONAIS DE FUTEBOL — A entusiástica recepção (4) feita na estação do Rossio, no momento do regresso de Guimarães do «team» do Sporting Clube de Portugal, vencedor do campeonato nacional de futebol
NO PORTO — Como se encontrava o campo de Leça da Palmeira, nas vésperas do primeiro jogo ali disputado (5). Ver artigo na pág. 3



A modificação das regras do bilhar

Ainda o depoimento do dr. Emile Sicard

VII

«VOLUNTARIAMENTE, neste debate, imagino que as bolas são redondas. Isto, hoje, já não é um sonho. E atinjo, agora, a demonstração de Faroux. Sou franco; creio que o presidente não pôs todo o problema e, portanto, a sua solução é insuficiente.

É absolutamente ilusório e contrário a toda a lógica querer impedir que a famosa chave exista num como outro jogo. Seja o que for que se imponha ao quadro 45/2, este será sempre a linha. No jogo integral, se o jogador junta as bolas sobre o risco, não haverá nada que alterar e a preparação poderá procurar-se em 4 a 5 golpes. No rectângulo central regulamentado, bastará executar a chamada como se faz no interior dos compartimentos do 45/1 e colocar-se o jogador à primeira tacada.

Tal jogador é menos sabedor porque reduz todo o jogo a uma espécie de «truc»? É uma razão viciosa. É por ser mais sabedor que ele encontra e emprega o truc.

Adaptar-se-á sempre. Supondo-se ter feito d'ele um errante, com espanto o veremos incrustar-se em qualquer parte. Nunca joguei na minha vida o preconizado quadro integral. Vejo já onde ele aparecerá, a série martelada: no pequeno rectângulo marginal e nas suas vizinhanças.

Quere-se admirar o jogador na posse completa do jogo? Então, não se hesite; abandone-se o 45/2. Com este pequeno quadro, será eternamente a série blocada. A regulamentação da zona central é um erro. Teoricamente é lógica. É preciso repetir: o quadro de 45 é uma partida livre enquadrada. Praticamente, essa regulamentação não dará nada. O 45/1 integral? Será ainda e sempre a linha.

— Então, o quê?

— O 71.

É o único jogo para os grandes jogadores. A série da linha é ainda possível, mas difícil. Os profissionais e a primeira categoria de amadores jogariam o 71/2; a segunda categoria, o 45/2; e a terceira, o 35/2. Jogo agradável, que pouparia os jogadores fracos ao ridículo das saídas-expulsões e ao assassinato da série. O 45/1 seria suprimido. Pobre, querida e velha coisa!

Para a partida livre, cingir-me-ei mais ainda à lógica. Ela não pode ser senão livre. Uma só restrição: o triângulo do canto, por causa da *nora*; 15 centímetros chegariam, em lugar de 21. O canto grande determina um jogo bastardo, empenhado de americana e de linha, repousando sobre uma habilidade: o sábio golpe que contorna o canto a distância. Já vi executá-lo a Dumans. Quando ele estava em via de aplicar essa tacada, tinha-se vontade de fechar os olhos, como no circo, quando o trapézista se larga. Se não reacesse arrancar uma nova fibra ao coração de Avé, diria: suprima-se a livre para os mestres, deixando-a aos aprendizes; ela será para estes um maravilhoso exercício de bilhar completo e de moral...

Se se pretende — não me dirijo ao grande conhecedor que é Faroux — que no bilhar se trata em es de tudo de divertir a galeria e de impedir o jogador de carambolar, então o caso é bem simples; suprima-se tudo, o quadro, a livre, o jogo por tabela — e não se cuide senão d'ele, o só, o único, o rei, o deus — o jogo às três tabelas.

Sei de uma sala onde, por entre o entusiasmo geral, jogadores que nunca fizeram uma série de 20 na partida livre, se defrontam neste momento às três tabelas. O quadro negro evoca a escada de Jacob, por causa dos riscos... Por

vezes, a bola, que gostaria de fazer uma viagem tranqüila, escoceia no extremo do bilhar, em frenéticos zigzagues. Porquê o árbitro conta logo um ponto, arrancando-nos a um mundo delicioso?! Era tão bom, quando a bola, feliz, desgrenhada, ébria de desenhos inéditos, carambolava com o invisível! Oh, três tabelas! Desvário encantador! Ardente história! Quem dirá as tuas secretas alegrias, os teus delírios, as tuas esneiras?

No entanto, eu teria dado vinte e quatro horas da minha vida para ver o match Conti-Cochran.

As opiniões de H. Witclitz, vencedor do Critérium Nacional ao quadro 45/2 (2.ª categoria)

«Muito interessante o artigo do sr. Faroux, e judicioso no seu conjunto. Simplesmente, existe nele um ponto em que não posso estar de acordo com o nosso presidente: a abolição da série da linha no quadro 45/2, no rectângulo central, com a possibilidade de fazer vários pontos sem sair desse compartimento.

Com excepção de dois ou três profissionais ou amadores muito fortes e capazes de executar

rem uma longa série no quadro grande, os outros jogadores não têm possibilidade de imitá-los. Em face desta realidade, penso que regulamentar o compartimento do meio é prejudicar o jogador dito «científico» em proveito do jogador de tabelas.

Não faltam modalidades de jogo onde os últimos possam à vontade fazer-nos admirar os seus recursos, sem necessidade para isso de suprimir o enovelamento das bolas, que tem também sua beleza e... suas dificuldades.

Para concluir breve, uma sugestão: Desejaria ver a segunda categoria do 45/2 com as médias mínima e máxima de 6 a 15.

Com esta medida proporcionar-se-ia a certos jogadores jovens afirmarem-se melhor no contacto com jogadores mais fortes do que eles e a revelarem-se assim mais cedo, e deixar-se-ia o título da primeira categoria para uma *élite* que não deveria mesmo quedar-se próximo desta — pequena média.»

J. Galmiche, campeão do Billard Club Stéphanois, opta por um novo traçado do quadro

«Nenhuma modificação nas formas actuais das diversas modalidades do bilhar (livre, quadro, tabela, etc.).

Todavia, é talvez possível encontrar um traçado do quadro capaz de tornar as combinações de série muito mais difíceis.

Estou, no entanto, persuadido de que uma longa série, mesmo na partida livre, é num match de bilhar, um atractivo de primeira ordem.»

NOTAS & COMENTÁRIOS

A formação de bons treinadores tem sido, em Portugal, dos grandes problemas do desporto. São, pois, dignas de elogio todas as iniciativas que tendem a resolvê-lo. Anotamos, por isso, com agrado, as notícias de que a Direcção Geral dos Desportos pensa contratar um professor suéco para orientar uma escola de treinadores de atletismo, e que a Federação Portuguesa de Futebol se dispõe a fazer funcionar ainda este ano o primeiro curso oficial de treinadores. É formando bons professores que melhor se cuida da propaganda e expansão de qualquer desporto. A excelente iniciativa do nosso prezado colega «O Seculo», há anos, nessa altura com um curso particular sob a direcção do seleccionador oficial — tem d'este modo a sequência mais adequada. A imprensa terá assim cabido o papel de desbravar o terreno. Já não é pouco...

DENTRO do popular Sport Lisboa e Benfica tem-se criado um ambiente de auxílio às suas filiais, para tornar mais íntima a ligação entre elas e a sede. Obedeceu certamente a esta orientação a série de jogos que o Benfica acaba de realizar no Algarve, com pretexto na sua ida a Olhão. E também uma boa propaganda para o futebol. Fes ao mesmo tempo uma viagem de treino — e solidariedade.

QUANDO o Benfica esteve em Faro coube ao dr. Augusto da Fonseca fazer os agradecimentos pela recepção, como presidente do clube. Com que saudade deve o dr. Augusto da Fonseca ter salado em Faro! Foi ali, emergendo a camisola da Associação Académica, que ele se revelou como jogador de futebol de primeiro plano. E foi da Académica que transitou para o «onze» de honra do Benfica, directamente, sem passagem pelas categorias inferiores. Voltou ao ponto da partida... Com mais alguns anos — e com outras responsabilidades.

JÁ não se realiza o «IV Portugal-Espanha» em bilhar, marcado para os primeiros dias do corrente mês, em Madrid. Não foi considerada oportuna, neste momento, a ida de uma equipa lusitana a Espanha. O contacto internacional tem sido útil à revelação dos valores portugueses e à propaganda do bilhar como desporto. Aguardemos, porém, melhor oportunidade. Saber esperar — é uma virtude.

O Grupo Desportivo do Bairro da Inglaterra acaba de receber, do sr. Embaixador da Gran-Bretanha em Portugal, uma valiosa taça de prata, de grande valor. O clube em referência pensa pôr o trofeu em luta num jogo entre os velhos rivais que são o Benfica e o Sporting.

NA série dos clubes em festa, por motivo de aniversário, segue-se o Sport Grupo Sacavenense, que teve certa aura, principalmente quando em Sacavem existia um núcleo de excelentes jogadores ingleses. O Sacavenense completa nada menos de 34 anos. É uma idade bonita. Na sua longa existência, é interessante e valiosa a obra realizada em prol do desporto. Os nossos parabens.

É curioso o ambiente de simpatia que acolheu uma sugestão do nosso estimado camarada Ribeiro dos Reis, quanto ao aproveitamento de terrenos neutros, em determinados casos de interdição. Por nossa parte, já nos referimos ao assunto. O «Seculo Ilustrado», nosso prezado colega, referiu-se também ao problema, a propósito do possível aproveitamento do Estádio Municipal de Fontelo, em Viseu, para os jogos que a Associação Académica teria de disputar no Campo de Santa Cruz, se pudesse utilizá-lo. Oxalá que a sugestão possa ser atendida por quem de direito.

REFERIMOS-NOS, há poucos números, a dois excelentes e oportunos artigos do sr. capitão Veiga Cardoso, sobre a forma como a educação física é cuidada em várias escolas. Os recentes campeonatos escolares de remo da «Cidade Portuguesa» deram actualidade às observações vindas a público: em oito concorrentes, no grupo dos estabelecimentos de ensino secundário, seis pertenciam a escolas particulares, havendo apenas dois liceus.

DOIS clubes de «hockey» deram o nome de atletas aos seus campos de jogos: o Clube Futebol Benfica deu o nome de Fernando Adrião ao «rink» de patinagem, e o Hockey Clube de Portugal distinguiu João da Cruz de idêntico modo, quanto ao novo campo de jogos. Trata-se de duas homenagens absolutamente merecidas. Os clubes procedem bem quanto fazem lembrar os nomes dos atletas que melhor contribuíram para o seu prestígio ou progresso.

MÓVEIS JOAL

DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM

Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Ariello)

TELEFONE 4 433

L I S B O A

A incontestável superioridade de Lisboa

AFIRMADA CONTRA O PÓRTO E ÉVORA
NA RELVA DAS SALESÍAS

Por TAVARES DA SILVA

Os chamados *desafios regionais* contribuíram poderosamente para a expansão do jogo em Portugal. Sobretudo o Lisboa-Pôrto exerceu uma influência capital. Pode dizer-se que, entre o 1.º Lisboa-Pôrto (1914) e o 43.º (1944) está toda a história do futebol português.

A rivalidade futebolística entre as duas cidades foi sempre — e deverá continuar a sê-lo — um incentivo de trabalho e aperfeiçoamento. Nalgumas épocas, este desafio era aguardado com verdadeira ansiedade. Mas, para que o despique se mantenha, torna-se necessário que o valor futebolístico de Lisboa e do Pôrto seja sensivelmente o mesmo. Ora, o Pôrto atravessa uma crise que lhe cumpre debelar. Pondo de lado o Futebol Clube do Pôrto, não se vêem forças capazes de se impôr na segunda Associação do país — o que começa a ser de maior gravidade.

Não se deve negar que, no presente, o despique entre o futebol de Lisboa e o do Pôrto se encontra muito atenuado. As razões estão à vista e resumem-se a uma só razão: a descaída do futebol portuense. Ora, é preciso espavitar esse despique, reacender o entusiasmo, não deixando apagar o fogo.

Nós somos abertamente pela realização dos chamados *desafios regionais*.

Semelhanças jogos dão a idéa geral do futebol não só da sua região, como permitem supor até onde poderá chegar o futebol português. São sempre óptimos subsídios para uma função que se chama «seleccionador nacional». Até agora, Lisboa conta 34 vitórias, Pôrto 7, havendo ainda dois empates.

Os desafios como o Lisboa-Évora também são de aplaudir, especialmente quando a sua efectivação, tem lugar na terra menos importante. É que atraem adeptos. Por exemplo, neste caso, como em geral sucede, o Lisboa-Évora tinha muito mais importância para Évora do que para Lisboa.

Vamos, porém, ao caso, e conversar um pouco sobre o Pôrto-Lisboa, como galanteamente se diz cá pela capital.

O Pôrto alinhou com Santiago, António Jorge, Guilhar, Anjos, Adão, Castro, Faria, Araújo, Armando Pereira, Artur de Sousa e Delfim.

«STADIUM» aconselha

para depois do futebol...

Uns aperitivos nas

BERLENGAS

todos os mariscos e cerveja

R. Barros Queirós, 35

A CENTRAL DA BAIXA

Restaurante • Pastelaria • Salão de chá

A casa mais indicada, no seu género,
para se jantar depois do futebol

R. do Ouro, 94-98 — R. Sapateiros, 33-37

Gostou do futebol?

Então também vai gostar de jantar no

CAFÉ SUISSO

Largo D. João da Câmara

OLIMPIA CLUBEoferece-lhe umas horas de agradável
prazer com a orquestra**ABEL REZENDE**

Não temos elementos, nem o conhecimento da questão suficientemente directa para dizermos se o grupo representa, pela sua formação e ajustamento, o melhor do Pôrto, mas não há dúvida que se tem uma idéa de aplaudir: acostumar novos elementos em desafios desta espécie, levados pela experiência dos já acostumados. O grupo do Pôrto tem qualquer coisa de novo. Revela o pensamento do seu organizador, Alfredo de Figueiredo, que não se limitou a juntar onze nomes, estudando, pelo contrário, o assunto a fundo.

O grupo de Lisboa apresentou-se com a seguinte constituição: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Amaro, Albino, Francisco Ferreira, Manuel da Costa, Eloy, Peyroteo, José Pedro e Rafael.

Trata-se de um *team* como outro qualquer. Na verdade, nem se poderá dizer que esta é a melhor formação de Lisboa, nem sequer que o problema da selecção tenha sido estudado à luz duma orientação ou idéa científica do jogo. De resto, mesmo que o seu organizador, Salvador do Carmo, quisesse ir além da rotina, nem lho consentiriam as circunstâncias, nem as dificuldades que surgiriam — e que sempre surgem, aliás, nestas delicadas missões. Mas é pena que não se rasgue com visão acertada o horizonte do nosso futebol...

O resultado de 5-0 a favor de Lisboa, na primeira parte, diz tudo, enunciando claramente o jogo de ataque por parte de um grupo que, em quarenta e cinco minutos, consegue passar tantas bolas como os dedos das mãos.

Para o facto contribuiu a excelente tarefa de dois interiores que, na relva das Salesias, e quando em *forma*, são realmente muito úteis. De resto, quando o grupo belenense estava no apogeu, e a sua linha no zénite do virtuosismo, algumas vezes ouvimos várias pessoas sonhando alto: o que faria aquela linha belenense com Peyrot — no centro de ataque?

Domingo, nas Salesias, mesmo atendendo ao *abaixamento* dos referidos elementos, teve-se uma idéa perfeita do que poderá suceder quando um avançado-centro que se chama Peyroteo tiver dois homens ao lado que o saibam servir em boas condições, ou em condições possíveis de remate eficaz.

Neste primeiro tempo, o domínio lisboeta foi claro. Não significando domínio territorial de jogo, mas domínio efectivo, no que diz respeito à combinação de bom desenho, variação de golpes e mecânica de jogo. Vários jogadores distinguiram-se pelo grande domínio de bola (caso de Eloy, por exemplo), e pela inteligência da passagem.

Na segunda parte, as coisas modificaram-se como que por encanto. Num rasgo de luz, a selecção do Pôrto fez três *goals* em três minutos, o último dos quais, devido a um remate estupendo de Artur de Sousa se pode dizer um autêntico *goal de bandeira*.

O público, magnetizado, assim o entendeu, aplaudindo como se iôr — uma só pessoa o feito do magnífico jogador oriundo da Madeira — a terra que tem sido, sistematicamente, excluída dos campeonatos em Portugal.

Neste período, o grupo do Pôrto forneceu uma boa idéa do seu mérito, atacando numa toada de bom futebol, e pondo em perigo um resultado que — parecia — ter resolvido definitivamente o problema. Ora, assim não sucede. E ao menos isso permitiu que o encontro tivesse o suficiente interesse e emoção, tanto mais tendo os portuenses chegado, aos vinte minutos, ao desnível duma só bola, fazendo 4-5.

Mas, os lisboetas acordaram, ao sentir o perigo tão próximo. E, forçando o jogo, conseguiram com pouca dificuldade, relativamente,

8 a 5, resultado que mais parece de *basket* do que de futebol, e que reflecte um trabalho pouco valioso das defesas — principalmente da de Lisboa, tida como núcleo forte e homogêneo.

No grupo de Lisboa, os *extremos* portaram-se bem, aproveitando com êxito todas as bolas que lhe foram passadas. Dos interiores e do avançado-centro já está dito o que de fundamental havia a dizer. A habilidade e a eficiência.

A constituição da linha média merecia um longo comentário que não podemos fazer, não só por falta de espaço como porque as considerações a traçar, pela sua autonomia, dariam um longo artigo. Parece-nos, no entanto, que há que preparar médios para o futuro, adaptando convenientemente alguma coisa de bom, de um ou outro jogador de qualidade, que tenha aparecido.

Parece-nos evidente que estes jogos constituem um estímulo que exerce grande influência na vida dum jogador. Os médios lisboetas estiveram trabalhadores, como é o seu feito. No entanto, nem sempre jogando dentro dos métodos aconselháveis. Quanto à defesa, não há dúvida que ela claudicou.

No Pôrto, Artur de Sousa e Araújo cotaram-se como os melhores do ataque. O caso de Araújo continua a dar que falar, e é de presumir que o jogador esteja ainda em formação. No plano da defesa, distinguiram-se António Jorge, Guilhar e Anjos. Santiago não mostrou categoria. A linha média também não revelou e necessária coesão.

Disputou-se ainda um outro *desafio regional*, vencendo a selecção B, de Lisboa, a de Évora por 12-2.

Évora, jogou com Ribeiro (Juventude), Palhinha (Estremoz), Galvão (Juventude), Mendonça (Juventude), Luís Sousa (Lusitano), F. António (Estremoz), Armando (Estremoz), Alexandre (Juventude), Constantino (Lusitano), Luís (Juventude), e Raul Pinto (Montemor).

Formação de Lisboa: Salvador, Batista, Eliseu, Burro, Gregório, Francisco Lopes, João Cruz, Pires, Júlio, Marques e Albano.

Como se vê, trata-se de um grupo feito adrede e conforme as circunstâncias. A colocação de alguns homens é muito discutível não tendo igualmente fundamento a organização do *team*.

Claro que este *adrede* não tem a mais ligeira importância porque a selecção de Évora nem sequer resistiu. Lisboa jogou sempre ao ataque, como quis, até, como não quis. Todo o peso do jogo caiu desta sorte, sobre a defesa eborense. Não admirando que, nestas circunstâncias, fossem os jogadores da defesa de Évora aqueles que mais se distinguiram. Pelo menos, os que mais trabalharam.

O desafio, ao menos, serviu para colocar em plano de destaque um grande elemento que ultimamente apareceu no futebol português: Albano. Um nosso amigo definiu assim o seu labor: Albano foi o melhor jogador de quantos pisaram a relva das Salesias.

Os chamados *desafios regionais* servem o futebol. É isso que importa.

Atletismo no Internacional

A secção de atletismo do Clube Internacional de Futebol está a dispensar grande interesse à preparação dos seus representantes, com vista à época que se avizinha.

Actualmente está a vigorar o seguinte horário de treinos:

Ginástica: às 3.^{as} e 5.^{as} feiras, às 19 horas, no ginásio da Rua de S. Bento, 329.

Treinos no campo: todos os sábados, às 18.30 horas. Em breve terão início os torneios de atletismo para sócios e simpatizantes do C. I. F. que se efectuarão aos domingos de manhã.



A esquerda: em cima, a selecção do Porto; em baixo, a de Lisboa

Azevedo consente o 4.º ponto do Porto, marcado por Araujo

Uma defesa do "keeper", eborense aos pés de Ju



O 2.º "goal", feito nas rédes do Porto por Peyroteo

NAS SALESIAS

Aspectos dos jogos

LISBOA PORTO

LISBOA EVORA

ganhos pelas selecções da Capital



Gregório remata de cabeça um dos seus "goals"



As selecções de Evora e Lisboa B



Guilhar chega primeiro à bola, que José Pedro também pretendia...



Mais um tento nas rédes de Evora... Marcou-o Albano, que atraiu a si o "keeper" — pelo que ambos não figuram da gravura

AS DUAS PRIMEIRAS PROVAS DE CORTA MATO deram outros tantos triunfos ao Benfica

Comentários por SALAZAR CARREIRA

A Associação de Atletismo de Lisboa, por intermédio ainda dos seus dirigentes cessantes (a lista eleita em 29 de Fevereiro ainda não foi comunicada para a Direcção Geral de Desportos), decidiu dar início à temporada de inverno e organizou, na pista do Jockey, as duas primeiras provas de corta-mato.

Em ambas, o Benfica marcou nítida superioridade, conquistando todas as classificações colectivas e deixando escapar apenas uma das cinco vitórias individuais; pertencem-lhe assim, portanto, o melhor conjunto de valores e os melhores valores nas diversas categorias.

A apreciação de conjunto a estas competições é francamente favorável à organização, mas regista também a escassez de concorrentes neste género de provas, que noutros países alcançou tamanha popularidade que, em qualquer corrida, os participantes se contam por milhares. Em Lisboa, as primeiras dezenas chegam e sobram...

O percurso escolhido para as provas de Abertura e para o «Cross dos Quatro», serve bem para as primeiras, mas é demasiado fácil — uma autêntica pista — para ali continuarem correndo os especialistas da modalidade. Para os organizadores, a escolha do Jockey facilita consideravelmente a missão, mas sempre ouvimos dizer que no variar está o bom gosto.

Ainda, sobre os pormenores referentes ao organismo organizador e aos seus representantes, não podemos deixar sem reparo a circunstância do juiz de partida se apresentar no exercício das suas funções oficiais, de ambas as vezes, trajando um equipamento de treino com a côr característica do clube a que pertence, cujo nome — para melhor elucidação do público — se lia no peito em letras de palmo.

A competição de domingo foi bastante animada, para o que bastante concorreu o feliz regulamento da prova «dos Quatro», na qual a equipa é formada por um corredor de cada categoria.

João Silva, que é seguramente o nosso actual melhor homem de fundo, alcançou a sua segunda vitória da temporada mas, na sua cola, os novos corredores tiveram comportamento brilhante: o júnior sportingista Atonso Marques obteve o segundo lugar e o estreante benfiquista Manuel Gomes (que no ano passado se revelou ganhando a prova popular nacional do «Diário de Notícias») chegou logo a seguir a outro senior do seu clube, Manuel Gonçalves.

Os principiantes, categoria intermediária que as disposições regulamentares pouco favorecem, foram, mais uma vez, os mais fracos na relatividade da classificação, pois o seu melhor homem, Alberto Silva, do Sporting, cortou a meta em 12.º lugar.

Precederam-no cinco «seniores»: os dois indicados, mais Anibal Barão (S.), 5.º, Filipe Luís (A.), 8.º e António Rodrigues (S.), 9.º; outros cinco júniores, Atonso Marques (S.), 2.º, Manuel Pereira (Bf.), 6.º, Manuel Serafim (S.), 7.º, Aires da Silva e Joaquim Gomes (Bf.), 10.º e 11.º; e o estreante Manuel Gomes.

Na maioria, estes nomes são os mesmos que encontramos nos postos de honra das corridas da semana precedente, prova de evidente regularidade; dos vencedores da jornada inaugural só desapareceram os principiantes António Xavier e Marcelino Freire.

Uma outra impressão dominante, na apreciação conjunta destas jornadas, é de perfeita identidade entre o que este ano se verifica e que em anos anteriores, muitos anos anteriores, sucedia: o número de participantes não aumenta e o número de clubes concorrentes tam-

pouco. Quais têm sido, com propósito de estímulo, os esforços dos dirigentes do atletismo lisboeta? Há, com certeza, uma causa, para que se mantenham alheadas do atletismo tantas colectividades importantes e de eclética actividade.

Não queremos apresentar resposta pessoal, por enquanto, pelo menos. Limitamo-nos a pôr o problema, deixando à consciência de cada um — de cada um, cuja consciência ainda tenha voz — o encargo de responder.

A expansão e a propagação dos exercícios atléticos não podem considerar-se realizadas por intermédio do progresso ou do desenvolvimento em profundidade, no âmbito restrito de um ou dois grandes clubes predilectos.

Esse trabalho fica bem aos dirigentes clubistas; mas quando o dirigente ascende em categoria e assume responsabilidades colectivas, o objectivo da sua acção deixou de ser clubista para ser essencialmente, exclusivamente, de carácter desportivo.

O pior mal do desporto português, sem especializar modalidades, tem sido essa permanente tendência para a confusão de interesses, de clube e de desporto — uma insuficiente separação entre dirigentes de clube e dirigentes federativos, e, às vezes, dirigentes que vão ocupar lugares em organismos regionais ou nacionais com o fito exclusivo de servir de qualquer maneira o clube que os acreditou.

Todas estas considerações, voltamos a repetir, são de pura generalidade especulativa; qualquer «semelhança ou imagem» — como costuma lêr-se nos preâmbulos dos filmes cinematográficos — é meramente ocasional e sem significado concreto.

BASKET-BALL

CARNIDE, campeão de Lisboa da época de 1943-1944

TERMINOU sexta-feira passada a disputa do XVII campeonato de Lisboa.

A data adiantada em que esta prova teve começo motivou a sua realização numa só volta. Este facto provocou a colocação modesta de algumas das equipas, pouco compatível com as suas possibilidades.

A incerteza nas classificações, quaisquer que elas fossem, trouxe emoção e interesse. Mas, em especial, os três primeiros lugares e o nono, foram alvo das atenções gerais: os primeiros, com vista à entrada no «Nacional», o último, à descida de Divisão.

Pode dizer-se que o Unidos teve o título na mão e o deixou fugir... Levando todo o campeonato à frente da classificação, para o que infligiu bastante a sua resistência física, sofreu no encontro com o Carnide a primeira derrota; o resultado do jogo deste com o Belenense fez-lhe reviver a possibilidade, quasi a certeza, de ganhar. Devia ter sido esta certeza que o perdeu, esquecendo-se, possivelmente, do perigo que corria com o Lisgás.

A vitória do Carnide é o prémio da equipa que mais igual se mostrou em todas as séries disputadas. O seu jogo, de fino labor técnico, mereceu este resultado, concedido na última jornada pelos casos da sorte.

Foi este campeonato caracterizado pela irregular actuação dos grupos concorrentes, originando, com frequência, resultados imprevistos. Factores de diversa origem influíram para que tal se desse, e de entre eles há a destacar, como principais, os de ordem técnica e os de ordem pessoal.

O Atlético foi exemplo frisante do primeiro caso; já aqui assinalámos a crise que este grupo atravessa, inexplicável na aparência, pois que a classe dos seus elementos é suficiente garantia para que ela desapareça. A falta de entendimento entre os vários sectores do grupo é notória e a sequência dos jogos, em vez de a eliminar, origina um mal muito pior: a desunião dos seus jogadores, causa de resultados desfavoráveis. Não se compreendem tais factos. O grupo possui o melhor lançador do campeonato — José Ferreira, com 188 pontos — e a sua marcação foi a melhor de todas, 494-318. Quando o grupo quis, jogou o melhor possível — a atestá-lo os encontros com o Unidos e o Carnide e a segunda parte da partida com o Sporting. Por estes motivos, mais uma vez o dizemos, julgamos esta crise passageira.

(Continua na pág. seguinte)

O campeonato deve ser interrompido para dar lugar aos encontros Pôrto-Lisboa

A quatro jornadas do fim do torneio regional, o Unidos, com quatro pontos de avanço, tem praticamente a prova ganha. Com inteiro merecimento, diga-se de passagem.

Cifrando por vitórias os jogos disputados, o grupo do Lumiar é de momento o único que dispõe de personalidade, concepção própria de jogo e equilíbrio de valores, entre as diversas linhas de defesa e ataque.

O Estoril, que no fim da primeira volta o seguia apenas com dois pontos de atraso na classificação, deixou-se surpreender, há quinze dias, pelo Belenenses, que soube construir o seu esquema de jogo com inteligência, anulando o trunfo mestre na cartada adversária. Foi este o primeiro encontro em que Domingos Vicente não conseguiu marcar vez nenhuma — e tanto bastou para que o seu grupo perdesse o jogo.

A situação, quasi definida, como atrás dissemos, para o Unidos, tornou-se, pelo contrário, muito mais incerta quanto à atribuição do segundo lugar, cuja importância advem da circunstância de abrir caminho à participação no campeonato nacional.

O Sporting ficou, apenas, a um ponto do Estoril e o encontro que entre si disputarão, na primeira jornada a realizar, é decisivo para qualquer deles; note-se, que o vencedor não ficará com o caminho desbravado, pois haverá que contar com os restantes adversários, de valor bastante para ditarem sentença. São eles, para o Sporting, o Belenenses e o Unidos; para o Estoril, o Benfica, e o Unidos.

O êxito alcançado pelos «azuis» na sua digressão ao Estoril vem dar razão a alguns dos nossos comentários, quanto à fantasiosa distribuição de jogadores que em precedentes encontros prejudicava a equipa; com melhor armarção dos pés, o campeão da época passada mostrou que vale ainda como os melhores e merece melhor posição do que aquela que ocupa no quadro da classificação.

Outro acontecimento, agradavelmente sensacional, foi o regresso de «Os Treze», após uma semana de ausência e anunciada desistência; o grupo faltou com prévio aviso ao jogo contra o Estoril, baseando a sua decisão em motivos disciplinares, mas reconsiderou a pedido do organismo dirigente e teve reentrada optima, derrotando copiosamente o Internacional e portando-se ante o Sporting — em circunstâncias difíceis — com louvável brio e invulgar sentido tático.

O campeonato, cujo interesse e regularidade têm sido até agora notáveis, vai sofrer uma interrupção de quinze dias para dar lugar às duas mãos do encontro inter-regional Pôrto-Lisboa — no domingo próximo, entre nós e no domingo imediato, no Pôrto.

As duas Associações reatam assim uma tradição perdida pela força de poderosas dificuldades, superiores à vontade dos dirigentes; escusado nos parece exaltar a importância do acontecimento, ao qual o nosso público desportivo deve dar todo o carinho da sua presença e do seu entusiasmo.

A Associação de Handball procurou dar à pugna o maior realce, ligando-a a outra competição de seguro interesse, para que se não dispensassem as atenções da jornada lisboeta; desconhecemos ainda, ao escrever estas linhas, se as suas delícias triunfaram, o que sinceramente desejamos, mas de qualquer forma nós pomos em dívida o resultado da iniciativa e os seus efeitos na propagação da modalidade.

A selecção do grupo de Lisboa e a sua preparação foram confiadas ao nosso camarada dr. Salazar Carreira, membro da Comissão Técnica da A. H. L., o qual, só depois de amanhã após o treino marcado para a tarde, indicará a constituição definitiva da linha.

Os elementos convocados para a sessão dessa tarde foram: Maia (V.) e Osvaldo (T.); Almeida (V.), Natividade (Bl.) e Vital (S.); Macara e Miranda (V.), Almasqué (Bf.), Valério (Bl.) e Parker (S.); A. Pereira (Bf.), L. Neves (T.), Nascimento e Marreiros (V.), Montalvão (S.), Vicente (V.) e Ceia (Bl.).

ESSECÉ,

F. PINTO COELHO
(HERDEIROS), L.^{DA}
Bicicletas e Acessórios

10, RUA BARRÓS QUEIROZ, 12
L I S B O A

TENDAS

e todo o material portátil para a prática de
CAMPISMO

VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIRODO)

215, R. da Prata, 217 LISBOA

Serafim Paulo, Augusto Leandro e Conceição Rodrigues

foram os vencedores das primeiras provas dos campeonatos distritais

EMBORA ainda sem corpos directivos em regimen de efectividade, pois continua a ser regida pela comissão instaladora até que a direcção, já eleita, seja sancionada pelos organismos competentes, a Associação de Ciclismo do Sul, prosseguindo no cumprimento dos seus deveres, fez disputar no domingo as primeiras provas dos campeonatos regionais de fundo.

Estiveram em actividade os corredores das categorias iniciados, veteranos e amadores juniores. Os primeiros, participaram numa prova em Inha, de 40 quilómetros.

Com percursos facéis, porque a estrada escolhida — a marginal — não é accidentada e tem óptimo piso, as provas, apesar do dia agreste, proporcionaram boas lutas, sobretudo a corrida de iniciados. Os tempos dos primeiros chegados nesta categoria — 1 h. 4 m. e 15 s., pode considerar-se de valor, se atendermos às más condições atmosféricas, com vento forte a soprar de viés.

A vitória de Augusto Leandro, na categoria de iniciados, não surpreende porque deve ser, depois de Quadros, o estradista mais rápido da sua categoria. Soube abrigar-se bem das escaramuças que os «encarnados», «leões» e «arroienses» moveram entre si e, depois, na recta de chegada, fez valer a sua velocidade.

Após o «iluminante» chegaram, creditados com o mesmo tempo, Albano Dias, Miguel Gaspar, Fernando Ferreira, e Alexandre Sousa, todos do Benfica e António Sousa, do Arroios, e mais 15 concorrentes, estes com escassas diferenças entre si.

Superioridade de conjunto dos homens de camisola «encarnada», todavia mais pelo motivo da quantidade dos elementos em corrida do que propriamente, por comportamento meritório deste ou daquele estradista. Há, nos benfiquistas, absoluto desconhecimento dos métodos de correr, e essa falta prejudica-os bastante. Mas isso, será assunto para tratar com mais minúcia...

O lusitano Conceição Rodrigues desforrou-se, com galhardia, da derrota sofrida oito dias antes. Venceu, desta feita, o favorito da corrida, Rosa Martins. Logo que à chegada, estes dois corredores se encontraram juntos, a vitória foi conquistada pelo homem que, de facto, deve ser mais rápido. Bom aviso para o «leão» que, com maior poder vem, de futuro, tal como fez nas duas primeiras «sidas», isolar-se longe do risco da chegada...

De valores mais aproximados, os corredores da categoria de juniores não fizeram no domingo uma prova que corresponda ao máximo das suas possibilidades.

Houve de facto um bom ataque, já no regresso para a meta, provocado, por sinal, pelo «sprinter» Campos Avelar que não tinha vantagens em que o polótio se desmantelasse; verificaram-se algumas tentativas de fuga por parte do sportinguista Gonçalves, mas muito mal iniciadas, e a perseguição feita por Joel também nos agradou. No entanto achamos que os actuais juniores podem fazer mais e melhor...

Dos corredores que ficaram em luta no final da competição — arredados que foram, por motivo de acidentes, Avelar, Catarino e Espalha, não resta dúvida que o mais apetrechado para vencer era Serafim Paulo. Mas, se ele trouxesse na sua esteira outro adversário que não fosse Joel, moroso a arrancar, da maneira como o «lisgás» embalou, de longe e sempre com o leão «colado», essa sua pouca atenção podia ser-lhe desagradável.

Ordem de chegada: Serafim, Joel, A. Gonçalves, Catarino, Avelar, António Lopes e António Marques. Quatro primeiros foram creditados com 1 h. 26 m. 10 s.

E agora, esperemos pelo próximo domingo, em que há também provas de campeonatos para seniores e independentes, alinhando nesta última categoria os homens do Sangalhos — José Martins, José Ferreira, Tulio e Serra; o do Sporting, já com Aristides e Bartolomeu na sua equipa, e, talvez Jorge Pereira pela Iluminante. Um conjunto, sem dúvida de muita valia.

GIL MOREIRA

II DIVISÃO DO NACIONAL

ERAM OITO... FICARAM QUATRO...

PROSSIGUIU no último domingo a disputa do campeonato nacional de futebol, da II Divisão. Efectuaram-se quatro encontros, correspondentes aos quartos de final, registando-se os seguintes resultados:

Vila Real — Famalicao	5-3
União de Coimbra — Sanjoanense	2-0
Unidos de Lisboa — Estoril Praia	2-3
Luso de Beja — Sporting Farense	1-0

E, porque a prova entrou na sua fase decisiva, em que as derrotas são fatais para as aspirações dos concorrentes, desnecessário se tornaria acrescentar que os vencidos da 17.ª jornada da competição foram arredados do torneio, restando-lhes a esperança de virem a disputar a taça «Portugal» — o torneio de encerramento da época.

Ao invés, os vencedores destes quatro desafios podem continuar a pensar na conquista do almejado título.

Analisados os encontros de domingo passado sob o aspecto regional, vemos que deixaram de ter representantes na prova as Associações de Braga, Aveiro e Algarve. E a de Lisboa perdeu um. Continuam na competição clubes da A. F. de Vila Real, de Coimbra, de Lisboa e de Beja. Pelo que respeita à primeira e última destas Associações, o facto merece realce, pois quere-nos parecer que é a primeira vez que os concorrentes dessas associações chegam, a esta fase, tão adiantada da prova: às meias finais.

Vejamos agora as notas salientes das partidas dos quartos de final.

Tal como na jornada anterior, só um clube conseguiu regressar a casa vitorioso — o Estoril Praia, campeão de 1942, que parece disposto, este ano, a repetir a façanha. Pelo menos venceu já um dos mais sérios obstáculos. Conclui-se, portanto, que a vantagem de jogar em casa foi belamente aproveitada.

Aparte o jogo de Vila Real, não se verificaram resultados expressivos. Em dois encontros o vencedor

não foi além de um «goal» de vantagem e nout o a diferença foi, apenas, de dois.

A vitória dos vilarenses parece não ter despertado viticínios, nem contrariado prognósticos. Mas, nos três restantes encontros já assim não aconteceu. Os antecedentes da Sanjoanense, do Unidos de Lisboa e do Farense faziam supor que as suas possibilidades eram maiores do que as dos adversários.

Colhera-se essa impressão talvez por que os rapazes de S. João da Madeira foram finalistas em 1943, porque os unidistas ganharam uma semana antes por um expressivo 10-2 e porque o futebol sigarvigo atingiu craveira superior ao bejense. Mas, não foi assim...

O resultado feito pelos vilarenses é dos que convencem. Presente-mente, através dos últimos resultados feitos pela equipa, que o grupo tem vindo a melhorar e está confiante das suas possibilidades. A defesa e o ataque, no desempenho das suas funções, opostas, têm cumprido bem, razão porque o resultado não surpreende. Aos famalicenses deve-lhes ter faltado confiança — o que é sempre importante.

Os combricenses estão a exceder as previsões neste final de prova. A equipa na anterior fase da competição revelara-se pouco superior às restantes da sua série, podendo, agora, pensar-se que procurou reservar energias para a embalagem final. Se assim foi, de facto, e porque a Sanjoanense parece em declínio de forma, há que aceitar como natural o desfecho da luta.

Entre os dois grupos da A. F. Lisboa, a sorte da luta esteve pelo lado dos estorilenses. Os dois clubes foram dignos adversários um do outro. E radcou-se a impressão de que a presença do Estoril na Divisão principal da A. F. L. muito vem valorizar o próximo campeonato regional.

Por último, a luta Luso-Farense. É de supor que os bejenses, alcançada a vantagem dum «goal», a tenham defendido com unhas e dentes e que os farenenses tenham lutado arduosamente até final. Mas, como nos faltam referências sobre o encontro, o que deixamos escrito não passa dumha suposição. — ZÉ DO PEÃO.

BASKET-BALL

(Continuação da pág. anterior)

Algés e Lisgás são exemplos da crise pessoal. O primeiro, brilhante na primeira metade da prova, viu no afastamento forçado de Carrelhas, e temporário de Máximo, causa para uma baixa de acção. As experiências encetadas nessa altura não compensaram a falta dos dois referidos titulares. O Lisgás viveu alguns desafios do esforço constante de Parada, motivado pela baixa de Vicente, a meio da prova. As excelentes reabilitações encetadas para o final, afastaram o perigo que os ameaçavam. Parabéns a estes grupos, cujo espirito desportivo dominou a má sorte que os perseguiu.

Mas, ponto de parte dos factos, que trouxeram por vezes calafrios aos simpatizantes da modalidade, teve a competição de entusiasmo e emoção. Realmente, sob o ponto de vista de espectáculo, este campeonato teve muito a lucrar, com resultados feitos mais à base de energia do que de técnica. O jogo Unidos-Lisgás é exemplo frisante, pois motivaram outra faceta em que o torneio foi fértil: o excessivo número de faltas pessoais marcadas. Jogadores houve que se viram obrigados a retirar do terreno por atingirem 4 faltas regulamentares, e outros que, atingidas as 3, tiveram de se retrair para não sofrerem igual punição—recorde-se o caso de João Cruz, no jogo com o Belenenses.

Foge-se à esquerda, procurando mais o encontro com o homem, e perde-se em acções escusadas a beleza que este desporto oferece. Mal a remediar e que compete exclusivamente aos treinadores.

O regulamento obriga os quatro últimos classificados a baixarem de Divisão. Maria Pia, Operário e Rio Sáco têm a sua sorte ditada. O quarto está por decidir; Campo de Ourique e Sporting, em igualdade de pontuação, e com resultado empatado, terão de resolver quem compete disputar a Divisão de Honra, na temporada futura.

Belenenses e Benfica foram grupos de acção irregular, alternando boas exhibições com outras de alinhamento pela luta. Especialmente o Benfica—que teve uma despedida bem triste, afastada a possibilidade da sua participação no campeonato nacional.

A classificação final foi a seguinte: 1.º Carnide, 29 pontos; 2.º Unidos, 29; 3.º Belenenses, 27; 4.º Atlético, 24; 5.º Benfica, 23; 6.º Algés, 23; 7.º Lisgás, 23; 8.º A. C. O. e Sporting, 22; 10.º Operário, 15; 11.º Maria Pia, 13; e 12.º Rio Sáco, 13.

Alguns números: pontos marcados, 4566; média por jornada, 419; e por jogo, 70.

Grupos que marcaram mais pontos: Benfica, 495, Atlético, 494 e Carnide 445; menos pontos marcados: Maria Pia 224, que acumulou também o de mais pontos sofridos: 357, sendo o Unidos o que menos sofreu, 269.

Maiores diferenças de pontuação: Atlético, 176, Unidos, 136 e Carnide 113.

Jogadores que marcaram mais pontos: José Ferreira (Atlético), 188; Sebastião (Benfica), 174; e Vicente (Lisgás) 146.

JOAO ASSUNÇÃO

**AOS DESPORTISTAS!!!
AO PÚBLICO EM GERAL!!!**
O vosso fato já está muito usado?!
Não hesite. Vá apresentá-lo à
AGÊNCIA COMERCIAL DE LISBOA
Rua do Alecrim, 43-1.º LISBOA
que, nas melhores condições, lho compra dando-lhe o seu justo valor.
A casa que melhor compra todos os fatos usados
TELEFONE 2 7 2 6 9

Acontecimentos da semana

—BASKETBALL—Reuniu-se extraordinariamente o congresso da Federação da modalidade, sob a presidência do sr. Martinho Gonçalves. Deliberou-se, por proposta do concelho fiscal, cancelar todas as multas aplicadas pela direcção até 17 de Junho de 1943, e foram escolhidos para o cargo de sr. Dr. Cassio Antunes (vice-presidente do congresso), Jaime Franco e Santos Pereira (vice-presidente e vogal, suplente, da direcção).

—FUTEBOL—No estádio de S. Luis, em Faro, disputou-se o «match» entre as equipas das associações do Algarve e de Setúbal, ganhando os visitantes por 2-0, «goals» marcados na segunda parte por Aníbal Rendas e Francisco Rodrigues.

Assistiram as autoridades locais; arbitrou o sr. Guilherme Sarra.

—A equipa do Instituto Superior Técnico venceu o campeonato universitário, derrotando, na final, disputada no Campo Grande, a do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. O jogo — a que assistiram os srs. drs. Marcelo Caetano, comissário nacional da «Mocidade Portuguesa» e Ayala Boto, inspector dos desportos — concluiu com o «score» de 2-0. Para apuramento do terceiro lugar, o Instituto Superior de Agronomia derrotou a Faculdade de Direito, por 3-2.

—O «team» da Escola de Manuel Bernardes (Ala 2; Lisboa) derrotou o do Centro Extra-Escolar n.º 1 (Ala 6; Sintra), por 2-0, na final do campeonato provincial da Estremadura da «Mocidade Portuguesa»; «goals» de Camara de Grey e Luis de Mesquita. O jogo foi arbitrado por José Travassos.

—Começou a «poule» final do campeonato nacional corporativo (núcleo de Lisboa) e, conjuntamente, o torneio, a eliminar, entre os 3.º, 4.º e 5.º classificados na prova de apuramento (séries A e B). Resultados da primeira «onda» da competição aos finalistas: Estabelecimentos Herold — Gás e Electricidade, 2-1; Fábrica de Sacavém — Material de Engenharia, 2-0. E, do torneio a eliminar: Fábrica «Mascotes» — Empresa Nacional de Publicidade, 3-0; Armazenistas de Vinhos — Levantamentos Aéreos, 4-1.

—No estádio do Lima jogaram as selecções da I e da II Divisão da A. F. Porto, vencendo aquela por 2-1; na primeira parte o «team» secundário ganhou por 1-0.

—«RUGBY» — A direcção da Associação de Lisboa, nomeou os srs. dr. Salazar Carreira, Soares de Albuquerque e José Malheiro para constituir uma comissão diatrial de árbitros.

—TIRO AO ALVO — Concluiu-se o campeonato da Ala 2; (Lisboa) da «Mocidade Portuguesa». A prova colectiva ganha pela equipa do Luso de Gil Vicente (C. E. 23), com 273 pontos. Fernando Nunes da Silva, do Lico de Gil Vicente (C. E. 24), foi o vencedor individual com 100 pontos.

—A prova «Manuel Castelo Branco», a disputar pela primeira vez, retinia a inscrição de mais de duas centenas de concorrentes.

Daniel Teixeira

Officina de calçado desportivo do Beato Especializada em todos os artigos para desportos. Calçado e botina tipo alentejano e «Mocidade Portuguesa»

Telefone 3 8298

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5
L I S B O A

LISGÁS

CUIDA DO PUGILISMO AMADOR



O problema do «boxing» amador já tem sido focado nas nossas colunas. Sendo o ponto de partida para outras e mais importantes facetas da modalidade, muito pouco, praticamente nada, se tem feito por ele ultimamente. Podem mesmo contar-se «pelos dedos» as organizações, quer de carácter particular, quer oficiais. Mas é ainda a iniciativa particular que se esforça por agitar o meio...

Deve reconhecer-se que não há salas capazes em funcionamento, ou reunindo as condições necessárias para criar gosto pelo «boxing» e fomentar o interesse dos seus praticantes. São poucas as que existem e nem sequer os clubes de tradições no meio — Ginásio Club, Lisboa Ginásio, Ateneu... — possuem cursos a funcionar com frequência, embora mantenham, como é natural, as suas secções.

Chega-se, assim, à conclusão que, de todos, é o mais moderno — o Desportivo Lisgás — o único que permanece em franca actividade, não descurando a preparação dos seus atletas. Isto explica que seja a equipa do clube da Boavista a mais bem apetrechada e aquela que melhores resultados práticos tem obtido, nos últimos tempos, nos poucos torneios promovidos.

Os frutos deste trabalho persistente e bem orientado traduziram-se pelas vitórias colectivas nas provas «Iniciação» e «Preparação», da Associação de Lisboa. E é pena que não se tivessem feito os campeonatos regionais...

Estivemos há pouco tempo na sala do Lisgás. Havia movimento e boa animação da parte dos praticantes — cerca de quarenta inscritos, a contrastar com o verdadeiro marasmo que se verifica nos outros clubes. É certo que tanto o professor, o antigo campeão amador Tavares Coutinho, como o dirigente da secção, sr. Silva Lopes — expoente de dedicação desinteressada pela modalidade — não abandonam as aulas, comparecendo sempre às lições e seguindo a preparação dos rapazes com método e cuidado.

Tudo se encontra em ordem e funciona como máquina perfeita, sem atritos. Nota-se excelente camaradagem e amizade entre os aspirantes a campeões de «boxing»...

A equipa do Lisgás foi primeiro treinada por Emídio Sévla, que só abandonou a actividade quando teve de partir para Benguela, por motivos que se prendiam com a sua vida profissional. Claro que a secção não se immobilizou, embora Sévla tivesse deixado saudades nos seus alunos. Depois veio Serafim Cardoso, que foi também levado a deixar os seus discípulos no Lisgás para ir cuidar dos pugilistas moçambicanos da organização «Tobox». Finalmente, Tavares Coutinho recebeu o encargo de ensinar os jovens «boxeurs» da Boavista, afirmando-se excelente professor, digno sucessor de Sévla e Cardoso.

As classes do Lisgás funcionam com todos os preceitos técnicos requeridos e segundo um plano de trabalho elaborado criteriosamente. Entre outros, há um pormenor que importa conhecer: nenhum praticante é admitido às aulas sem o prévio exame médico — e só depois da autorização do dr. Carmo Santos, facultativo do clube, qualquer candidato pode frequentar as classes.

A princípio, como é de aconselhar, faz-se ginástica respiratória. Depois de convenientemente preparado é que o aluno entra na fase decisiva de aperfeiçoamento e aproveitamento de qualidades. Seguir-se-ão noutras salas os preceitos da aprendizagem de «boxing» com tanto cuidado e método como no Lisgás? Quere-nos parecer que não... Mas no Lisgás, porque a sua direcção assim o quer, tudo se faz meticolosamente. É justo afirmar que para isso muito tem contribuído a assistência constante de Rudolfo Rodrigues, activo secretário-geral do clube e dedicado amigo da secção.

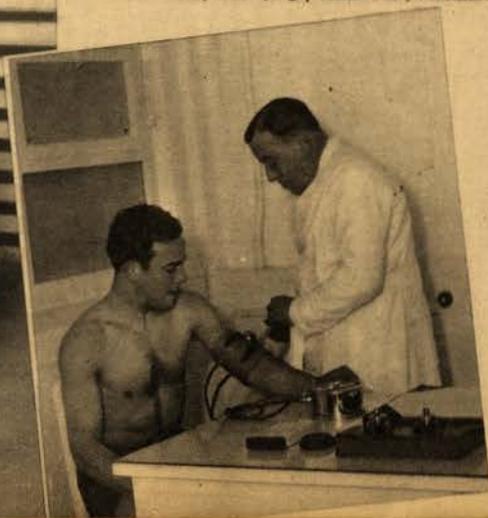
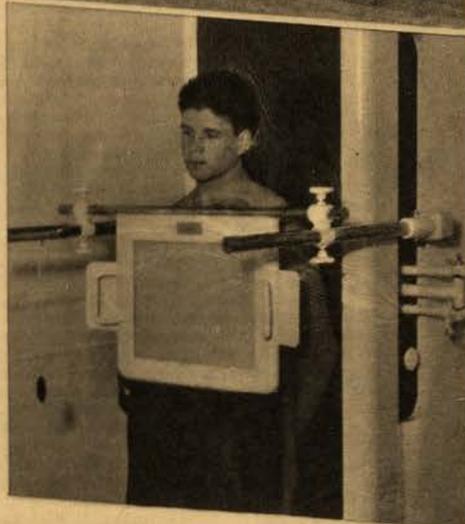
No Lisgás têm sido preparados alguns dos nossos melhores valores no campo de amadorismo. Alguns nomes: Romeu Correia, Armando Costa, Delfim Deniz, Patrício Alvarez, Manuel Martins, Felipe Portugal, Raul Barros e Mário Silva, os medalhados nos torneios em que o clube se fez representar; e ainda Carlos Alberto, um novo de muita aptidão, verdadeiro campeão sem título, João Jorge, Artur Dias, Jerónimo Matos e Manuel Melo. E uma legião de novos, que está agora a preparar-se e aguarda a disputa de campeonatos...

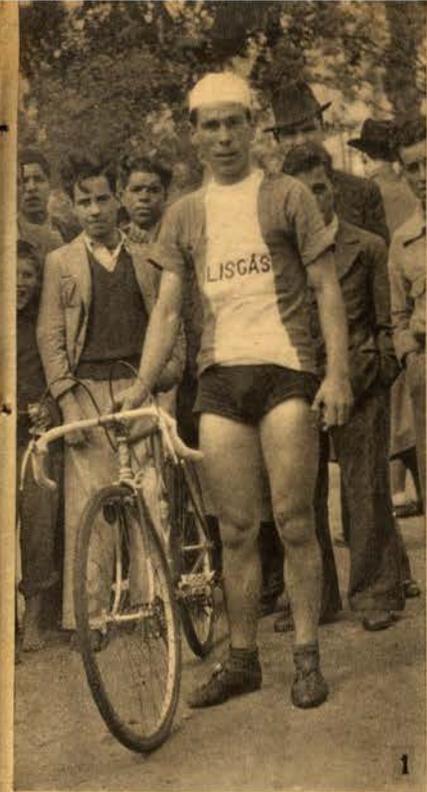
Dos antigos, dos que possuem mais tempo de prática, existem provas de actividade e competência: três taças no clube e representação em várias sessões, no Campo Pequeno, Estádio Mayer, Cascais, Caldas da Rainha e Porto — aqui empatando um «match» com o Académico.

Que mais dizer de uma secção de «boxing» que pode considerar-se a melhor dos clubes portugueses — e talvez a única em perfeito funcionamento?

Uma faceta interessante da actividade da sala: a acclimação, sem compromissos ou encargos de qualquer espécie, de todo o desportista que queira praticar a «nobre arte» como amador — embora no Lisgás já tenham treinado também alguns pugilistas profissionais, portugueses e estrangeiros, em período de estágio e preparação para combate. Estes, porém, apenas aproveitaram as condições especiais do ginásio, onde há de tudo que se relaciona com o jogo do sóco.

Jorge Monteiro





1



2



3



4

Domingo Desportivo

Algumas imagens dos acontecimentos desportivos do último domingo: CICLISMO — Disputaram-se os campeonatos regionais das categorias de juniores, iniciados e veteranos. Os vencedores foram, respectivamente, Serafim Paulo, do Lisgás (1), Augusto Leandro, do G. D. "Iluminante" (2) e Conceição Rodrigues, do Lusitano (3). FUTEBOL DE JUNIORES — O desempate entre os "teams" do Sporting e do Bele-nenses deu a vitória ao primeiro por 1-0. As fotografias (4 e 5) mostram duas fases do animado encontro, que levou à Tapadinha avultada assistência. ATLETISMO — No programa das provas de corta-mato, disputou-se o "Cross dos Quatro", a que fazemos referência noutra lugar. As gravuras: 6 — Um aspecto da prova; 7 — A chegada de João Silva, do Benfica, vencedor individual.



6



7

NÃO permitem as características da «Stadium» nem a seqüência, assaz rápida, do campeonato lisboeta de ténis de mesa, que acompanhamos, a par e passo, esta competição — como, aliás, era desejo nosso.

Concluída a primeira metade da prova, afiura-se-nos oportuno analisar, ainda que sucintamente, o que a competição tem proporcionado. Diremos, primeiramente, que não se enganaram os que previram este campeonato como dos melhores dos últimos anos.

Com efeito, a luta tem sido disputada da melhor maneira, de tal modo que ao fim da primeira volta, os favoritos, em cada uma das Divisões e categorias, não podem confiar abertamente no triunfo.

E postas estas breves linhas, vamos focar as notas salientes do 12.º campeonato, organizado — como sempre — pela A. T. M. L., que se tem esforçado por imprimir à prova a maior regularidade.

«Os Combatentes» em primeiro lugar

Na Divisão de Honra, a posição dos seis clubes traduz, da maneira mais clara, as suas possibilidades. Os valores estão ordenados com a maior justiça possível. Os concorrentes estão separados por dois pontos de diferença entre si e cada clube bateu todos os que o seguem e foi derrotado por todos os que o antecederam na ordem da classificação...

Os seis clubes formam dois grupos: no primeiro, estão «Os Combatentes», Sporting e Benfica; no segundo, Técnico, Matadouro e Campo de Ourique. E não se pode dizer que isto não esteja de harmonia com o valor evidenciado pelas equipas.

«Os Combatentes» está à frente da classificação, graças à homogeneidade da sua formação. Na verdade, este facto constitui o melhor atributo de que uma equipa pode dispor. E tanto assim é que, até se nos torna difícil dizer qual tem sido o melhor jogador. De resto, a constituição do trio tem variado, consoante as responsabilidades da luta e a pericia de Manuel Neves na elaboração do «xadrez»...

Do Sporting pode dizer-se o mesmo que do Benfica. Cada equipa dispõe de um elemento nitidamente superior aos restantes (Carlos Feio, no Sporting, e O. Ramos, no Benfica) e tem vivido, por assim dizer, da classe desse elemento. E porque, nos «leões» tal inconveniente se tornou menos acentuado, com a possível melhoria de forma de Gago da Silva, justifica-se absolutamente que eles antecederam os «encarnados». De resto, foi a luta entre ambos que ditou esta posição.

O Técnico está à frente do Matadouro. Talvez ao contrário estivesse mais certo. Mas, no encontro entre ambos, o Matadouro não pôde

TÉNIS DE MESA

O 12.º campeonato de Lisboa está em meio...

alinhar Trem Tôres... e o resultado foi claro. O Técnico possui, quanto a nós, o trio mais homogêneo, depois de «Os Combatentes». Mas o que vale é bastante menos. A presença de João Antas, com a sua dedicação e conhecimentos, é altamente proveitosa. O Matadouro está sem terceiro jogador desde que Samuel Stall está castigado. Tôres e M. Pedro Silva equivalem-se, embora o último seja das mais recentes e raras revelações.

O Campo de Ourique tem sido simplesmente animoso.

Nas categorias inferiores são ainda os três melhores que detêm superioridade de conjunto. Todavia, os «leões», graças aos reforços recebidos do Estefânia e à presença dos campeões de Coimbra e de Évora, desfrutam de nítida vantagem.

Vejamos a posição dos clubes nas quatro categorias:

	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	P.
Sporting.....	2.º	1.º	1.º	2.º	56
Benfica.....	3.º	3.º	2.º	1.º	50
Combatentes....	1.º	2.º	3.º	4.º	47
Técnico.....	4.º	4.º	1.º	3.º	34
C. Ourique.....	6.º	6.º	4.º	5.º	18
Matadouro.....	5.º	5.º	6.º	(a)	18

(a) Foi eliminado.

A vantagem do Liberdade

Na I Divisão, o Liberdade está à frente com apreciável vantagem sobre o segundo. A equipa correspondeu ao que dela se esperava, mas não deve deslumbrar-se. E, sobretudo, não pode esquecer-se de que a sua privilegiada situação é devida, em parte, aos «estragos» que os outros concorrentes têm causado uns aos outros.

O Picheira está em segundo lugar. A sua actuação no começo da prova surpreendeu; depois decaiu um pouco. O Internacional, o Ateneu e o Carnide estão em igualdade. Os dois primeiros não responderam ao que se esperava, ainda que o C. L. F. tenha justificação para o seu fraco rendimento, visto que a princípio não dispôs dos seus melhores elementos. Pelo que respeita aos «acelistas», a equipa, considerada homogênea, não desmentiu essa impressão — mas todos os jogadores estão em má forma.

O Carnide parece capaz de fugir ao último,

lugar — posição que parece destinada ao Adicense.

Nas categorias inferiores, o Internacional tem nítida vantagem de conjunto. Mas o Liberdade é uma ameaça...

Posição nas quatro categorias:

	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	P.
Liberdade.....	1.º	1.º	3.º	2.º	45
Internacional....	3.º	1.º	1.º	1.º	44
Ateneu.....	3.º	4.º	1.º	3.º	36
Picheira.....	2.º	1.º	3.º	4.º	35
Adicense.....	6.º	6.º	5.º	—	17
Carnide.....	3.º	5.º	(a)	—	16

(a) Foi eliminado.

A superioridade do Belenenses

Na II Divisão, a posição dos concorrentes é, em tudo, igual à da I Divisão.

O Belenenses substitui o Liberdade, e o Monte Pedral, o Picheira. Duas posições que estão certas.

O Arroios, o Centro e o Intendente encontram-se em igualdade. A situação do primeiro, inferior ao que se calculava, parece, todavia, ter sido provocada pelo desejo de reforçar a segunda categoria. São critérios...

O trio da C. E. R. A. tem-se mostrado irregular, tal como o do Intendente. O Sporting da Penha ocupa o último lugar, que se harmoniza com as suas possibilidades.

A classificação:

	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	P.
Belenenses.....	1.º	2.º	1.º	1.º	52
D. C. Arroios....	3.º	1.º	3.º	3.º	40
M. Pedral.....	2.º	4.º	2.º	2.º	38
Centro.....	3.º	3.º	4.º	4.º	30
Penha.....	6.º	4.º	4.º	—	21
Intendente.....	3.º	4.º	6.º	—	20

TEE-TEE

Rudolf Harbig

o grande corredor de meio-fundo, perdeu a vida no campo de batalha

A guerra, que há mais de quatro anos assola a Europa e o Mundo e que vai ceifando o melhor que a mocidade generosa dos países em luta reünia nas suas fileiras, acaba de arrebatar outra vida.

Nos últimos dias de Março findo, durante os combates travados na frente leste, o atleta alemão Rudolf Harbig foi morto no desempenho de arriscada missão militar no serviço da pátria.

Aos nomes ilustres de Charles Paddock, Géo André e outros mais, junta-se, agora, o d'élite fenomenal e esportivo corredor alemão de meio-fundo.

Pode dizer-se que, juntamente com o bombeiro sueco Gundar Hagg, sem rival na milha e nos mil e quinhentos metros, a Europa possuía em Harbig outra maravilha, dominando os seus competidores americanos e europeus.

Harbig, em Agosto de 1939, correndo 400 metros em Fancort-obre-o-Méno, conseguiu fazer 46 segundos, tempo que bate o «record» anterior do americano Archie Williams, por um décimo de segundo. Pouco tempo antes, o mesmo atleta percorrera 800 metros em 1 m. 46 s. $\frac{1}{10}$, ultrapassando o máximo mundial do australiano Sidney Wooderson, por 2 s. e $\frac{1}{10}$.

Outros feitos de Harbig são: o tempo do quilómetro, em 2 m. 21 s. $\frac{1}{10}$. Corrido em Dresde, no ano de 1941, e o dos 1.500 metros em 5 m. 48 s. $\frac{1}{10}$, que é o «record» alemão na presente data.

Desapareceu, portanto, um atleta de projecção mundial considerável.

ANO XII — Lisboa, 5 de Abril de 1944 — II SÉRIE-N.º 70

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIÉDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O «Torneio da Primavera», organização da S. A. D.

NOTAS E COMENTÁRIOS

DOIS torneios ficam a caracterizar o período que vai desde o encerramento oficial da época de 1943 à inauguração da de 1944 — o «Torneio de Inverno», do Estoril Praia, e o «Torneio da Primavera», organização do Sport Algés e Dafundo. De características diferentes, e organizados em bases diferentes, não há necessidade — nem proveito — em cotejá-los. Foram, fora de dúvida, as duas notas salientes num longo período de seis meses, dentro da actividade desportiva. Quanto a nós, é pouco sob o aspecto quantitativo. Com duas piscinas a funcionar durante o inverno, talvez se pudesse ter feito mais alguma coisa — alguma coisa que poderia, mesmo, não partir exclusivamente da iniciativa particular. Mas é que passou, passou. E a poucos dias, relativamente, dos nossos nadadores tomarem contacto com a água fria, o que necessário se torna é que se concentrem todas as atenções e boas vontades na época de verão que se avizinha.

Neste «Torneio da Primavera», que o Sport Algés e Dafundo, com toda a regularidade do seu sempre valioso trabalho, organizou pela quinta vez consecutiva, e que serve para aquilatar dos progressos provocados pelo treino regular durante o inverno, — a actuação dos nadadores pode ser observada sob dois aspectos: o de conjunto, ou seja aquele que está dentro do espírito do «Torneio» — verdadeira prova de nadador-completo, em que triunfa aquele que para os três «estilos» clássicos tenha melhores aptidões — e o aspecto puramente individual, quer dizer, aquilo que cada um fez isoladamente nesta ou naquela prova.

Dentro desta ordem de idéias, analisemos como actuaram algumas das figuras mais representativas do Sport Algés e Dafundo.

Lucilla Angeja, ainda infantil, foi de longe, quer individualmente quer em conjunto, a melhor do lote das meninas. Os seus salientes, além da soma dos «tempo», 1 m. 28 s. e $\frac{1}{10}$ — realmente de muito valor — os 25 s. e $\frac{1}{10}$ obtidos nos 33 metros-livres.

Já entre os rapazes o caso foi diferente. Em globo, o melhor foi Armando Ferreira Rodrigues, graças especialmente à sua actuação nos 33 metros-brucos. Por seu turno, o esportivo Guilherme Patrão dominou de longe, tanto nos 33 metros-livres como nos 33 metros-costas. Acusando nítidos progressos creditou-se, na primeira daquelas provas, com um tempo que é mais um atestado do seu já real valor: 20 s. e $\frac{1}{10}$.

Nas provas de inscrição livre, dois nomes consagrados já por muitos anos de competição, terminaram «ex-sequo» — Fernando Leal e Oscar Cabral, com 1 m. 37 s. e $\frac{1}{10}$. O resultado de Fernando Leal é absolutamente lógico (é o «nadador-completo» da época passada) como o é também o de Oscar, ambos com as suas aptidões provadas nos três «estilos». Fernando Leal teve na prova de brucos a sua melhor actuação, triunfando com 36 s. e $\frac{1}{10}$. Nos 30 metros-costas chegou em primeiro, mas de parceria com Oscar, ambos com 36 s. e $\frac{1}{10}$.

Os 50 metros-livres tiveram a animá-los três nadadores que não podiam de modo algum ter aspirações a um bom lugar na classificação global. Há, portanto, que registar as suas proezas individuais, que bem o merecem.

A vitória de Rafael Eduardo Ramos sobre dois «príncipes» consagrados resalta como nota um tanto sensacional, a demonstrar os progressos evidenciados por este nadador no espírito de velocidade para, tendo sustentado com Vasco Carrelhas luta cerrada e emocionante, que se resolveu apenas por um décimo de segundo.

Atrás deles, Herculanu Trovão esteve dentro das suas possibilidades normais. «Tempos» obtidos: Eduardo Ramos, 30 s. $\frac{1}{10}$; Carrelhas, 30 s. e $\frac{1}{10}$; Trovão, 31 s. e $\frac{1}{10}$.

Eis, em síntese, o que de principal há a dizer acerca do «Torneio da Primavera» — que teve também no elevado número de concorrentes uma das suas mais interessantes características.

Estamos em Abril. A época chamada de inverno terminou praticamente. As vistas deitam-se, agora, para a época de verão, para a temporada de natação ao ar livre. Ela não tardará a E. que um «ar de graça» a proteja, que bem o mereça...

ABREU TORRES



A POSSE DO NOVO DIRECTOR GERAL DOS DESPORTOS

O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro tomou ante-ontem posse do seu cargo de director interino de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, para o qual foi nomeado, pelo sr. ministro da Educação Nacional, enquanto durar o impedimento do sr. tenente-coronel Salvação Barreto. As fotografias focam o acto da posse, que foi largamente concorrido: 1 — a assinatura do respectivo auto; 2 — Os srs. ministro e sub-secretário do Estado da Educação Nacional com o novo director geral



UNIDOS-ESTORIL PRAIA

1 — Uma defesa do «keeper» estorilense e uma máscara curiosa do avançado unidense. . . ; 2 — Reis inutiliza uma boa avançada do Estoril-Praia, cuja linha deanteira aparece bem colocada, com Petrak em evidência

